

Larissa Mikháilovna Reisner: escritora, jornalista e revolucionária

Clara Drummond de Andrade Magalhães¹

Resumo: Esta é uma pesquisa realizada por meio do grupo de estudos “Mulheres russas do século XIX: em textos e contextos”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), organizado pela mestranda Ana Letícia Prado de Campos e supervisionado pela professora Dra. Denise Regina Sales. A pesquisa está em fase inicial, buscando, portanto, realizar um panorama geral sobre a vida de Larissa Reisner e o levantamento de uma breve biografia, visando ocasionar em maior compreensão e conhecimento acerca de quem foi Reisner e quais foram suas ações durante o período em que ela viveu. Desta forma, pretende-se traçar uma linha do tempo, de modo a melhor entender em que cenário se localizava Larissa Mikháilovna e como isso afeta (e molda) a sua vida enquanto escritora, jornalista e revolucionária.

Palavras-chave: Reisner; Revolução Russa; Rússia; União Soviética.

¹ Graduanda em Letras Português-Russo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: claradrummond@letras.ufrj.br.

Introdução

Larissa Mikháilovna Reisner nasceu em Lublin, na Polônia do Congresso, no dia primeiro de maio de 1895. Ao longo de sua vida, Reisner esteve profundamente envolvida com as questões históricas e sociais russas, seja indiretamente (pelo fato de o seu pai ser parte do movimento revolucionário, fazendo a vida de Reisner envolver diversas reflexões sobre estes temas desde cedo), seja diretamente, com o seu envolvimento jornalístico, ao trabalhar com agitação e propaganda, ou indo ao front para lutar junto das flotilhas na Campanha do Volga. A partir da análise dos acontecimentos que cercam Reisner, serão apresentadas as suas ações, as quais a transformaram em uma figura emblemática em meio ao cenário revolucionário, extremamente admirada por uns, vista com suspeita por outros.

Infância

Ainda que os maiores feitos de Reisner tenham se sucedido apenas após a Revolução de Outubro (sendo, além disso, o período sobre o qual constam maiores registros), é de interesse tomar tempo, também, observando elementos do início de sua vida que viriam, no futuro, a influenciar profundamente a visão de mundo de Larissa, de forma a melhor compreender sua história e trajetória (ainda tão pouco explorada). Sendo assim, vale tomar nota dos pais de Larissa, que

seriam os principais responsáveis por seus interesses iniciais e, eventualmente, ingresso no movimento revolucionário.

A mãe de Larissa, Ekaterina Aleksándrovna Reisner (nascida Khtirovó), vinha de uma família nobre, influente e conservadora, a qual se opunha arduamente às frequentes idas de Ekaterina às reuniões de grupos socialistas e aos encontros de estudantes que ocorriam na Universidade de Lublin (com o movimento estudantil tomando força no fim do século XIX, muitos destes encontros tratavam de discussões acerca dos problemas políticos e sociais que a Rússia enfrentava). O pai de Larissa, Mikhail Andréievitch Reisner, era um estudante de direito que, em 1894, estava em Lublin para finalizar a sua tese de doutorado e para ministrar aulas na Universidade. Mikhail Andréievitch, na época em que iniciava sua tese ainda em São Petersburgo, já havia se tornado marxista², participava de um círculo de estudos que mantinha suas atividades ilegalmente (devido à censura tsarista) e direcionava grande parte de seus trabalhos acadêmicos à crítica e denúncia à autocracia e opressão realizadas pela Igreja e pelo Estado. Chegando em Lublin, portanto, Mikhail Andréievitch segue com suas atividades políticas e, desta forma, vem a conhecer Ekaterina Aleksándrovna em um dos encontros do movimento estudantil (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

² Reisner viria a ser, inclusive, um dos responsáveis por projetar em 1918 a primeira constituição da República Socialista Federativa Soviética da Rússia.

Os pais de Larissa se casam em 1894, a contragosto da família de ambos e com quem eles eventualmente vêm a cortar laços, e, em 1895, um mês após o nascimento de Larissa, Mikhail Andréievitch é preso devido a um discurso que proferiu em solidariedade aos estudantes-ativistas de Moscou, São Petersburgo e Kyiv, e a se recusar a jurar lealdade a Nicolau II (Porter, 2023, p. 17). Conforme a situação da família se torna cada vez mais crítica e os posicionamentos de Mikhail Andréievitch lhe trazem cada vez maiores inimizades, ele é enviado, em 1898, para semi-exílio em Tomsk, na Sibéria, onde a situação da família viria a piorar cada vez mais (Maiorova, 2019; Porter, 2023).

A estadia dos Reisner na Sibéria é um momento crucial para a consolidação dos posicionamentos políticos de Mikhail, que ele viria a descrever como um “período de sucessiva inclinação para a esquerda, aproximação dos estudantes e um afastamento do professorado” (Reisner *apud* Maiorova, 2019, p. 150, tradução nossa)³. Os anos em Tomsk foram marcados, para os Reisner, por perseguições, isolamento e um sentimento geral de insegurança. Vistas com maus olhos pela administração da Universidade, as atividades de Mikhail Andréievitch não falhavam em causar escândalos e plantar inimizades. Durante os anos de 1901 e 1902, Mikhail é enviado a mando da Universidade para Heidelberg, buscando

evitar maiores problemas (os quais pareciam “seguir” o professor) uma vez que ele já teria sido, de acordo com Maiorova (2019), acusado pelo Ministro da Educação de ser um professor que “abusa do seu cargo na universidade para fazer discursos os quais instigam a tratar com hostilidade e desrespeito a ordem legal das coisas estabelecida na Rússia” (Maiorova, 2019, p. 149, tradução nossa) e começado a se tornar alvo de uma perseguição sistemática. Larissa viria a se recordar dos momentos em Tomsk com uma leve tristeza, o ano de 1902 foi, para a família, um ano de grandes inseguranças e fracassos, a carreira de Mikhail Andréievitch toma cores cada vez piores, culminando no momento em que ele é demitido do cargo de professor - no fim do ano - e tornando a situação completamente inviável no momento em que, em abril de 1903, Mikhail é convocado a Petersburgo e interrogado durante quatro dias consecutivos com base em acusações do reitor da Universidade de Tomsk. Após Mikhail ser liberado do interrogatório, os membros da família prontamente se mudam para Berlim enquanto exilados políticos (Maiorova, 2019; McElvanney, 2018; Porter, 2023).

Em Berlim a família vivia quase que exclusivamente de artigos que Mikhail escrevia sobre a vida na Alemanha para a revista *Russkoe Bogatstvo* (sob o pseudônimo de M. Reus), porém, apesar das dificuldades as quais enfrentaram no

³ Todas as traduções autorais apresentadas neste artigo foram cotejadas em conjunto como atividade coletiva do grupo de estudos.

seu período como exilados na Alemanha – entre elas a constante vigilância da polícia alemã (Porter, 2023, p. 19) – futuramente os anos em Berlim se tornariam memórias de grande importância para Larissa, vindo a auxiliá-la em uma viagem que faz em 1923 como correspondente especial do *Izvestiia* (“Notícias”) para pesquisar os levantes de trabalhadores alemães, e também pelo fato de que, em Berlim, a casa dos Reisner se torna um ambiente de encontros para intelectuais e membros da esquerda revolucionária alemã, dentre os quais se destacam Karl Liebknecht e August Bebel (Maiorova, 2019; Radek, 1977). Para além disso, a casa dos Reisner se torna, também, um lugar seguro para abrigo de outros exilados políticos russos, os quais iam e vinham aos montes. O ambiente em Berlim era ocupado sempre por grandes discussões e novos rostos. Em meio a isso, Larissa se torna uma pessoa curiosa, inquisitiva, que muito refletia, mas que também muito se preocupava, e que aprendeu a ter grande cautela⁴ (Porter, 2023; Radek, 1977).

Retorno à Rússia

Os Reisner viveram ainda, durante pouco tempo, no ano de 1906, em Paris, porém após uma anistia concedida a alguns exilados políticos em 1907 eles conseguiram retornar à Rússia (Maiorova,

2019; Porter, 2023; Radek, 1977). As condições dos Reisner melhoram consideravelmente: o pai de Larissa consegue um emprego como professor na Universidade de Petersburgo⁵, Larissa ingressa em uma escola (após anos de ela e o irmão estudarem apenas em casa) e a casa dos Reisner é descrita como “similar a uma pequena fogueira cultural, um salão literário” (Maiorova, 2019, p. 158, tradução nossa), as discussões sobre filosofia, política, arte e literatura se tornam constantes, em meio à “era de prata da poesia russa” Larissa toma cada vez maior interesse nos trabalhos de poetas simbolistas e eventualmente nutre uma grande admiração pelo acmeísmo (em especial pelos trabalhos de Anna Akhmátova).

Estando na capital, o seu acesso ao mundo literário se torna cada vez maior. Por conta disso, entre os anos de 1910 e 1911, Larissa começa a frequentar regularmente leituras de poesias, lê seus versos em salões e cafés literários (mais tarde, dentre eles, estaria também o famoso *Cão Vadio* [*Bodriátchaia sobáka*], o qual ela começa a visitar por volta de 1913) e trava conhecimento com diversas das influentes figuras na poesia da época (Maiorova, 2019; McElvanney, 2018; Porter, 2023). Maiorova (2019), ao descrever esse período, afirma que “Larissa adentrou o mundo da boemia de Petrogrado” (p. 163, tradução nossa),

⁴ Porter (2023) defende que, durante sua infância em Berlim, Larissa teve que lidar com diversas responsabilidades, foi encorajada a explorar a cidade e não era inusual que ela guiasse por Berlim, sozinha, outros russos que vinham visitar a sua família.

⁵ Não é de interesse tratar com maiores detalhes da vida profissional de Mikhail Andréievitch, uma vez

que a partir desta época ela se estabiliza consideravelmente, e Larissa começa, também, a ter maior independência. Entretanto, vale notar que em Radek (1977) e Porter (2023) afirma-se haver, já na nessa época, certa tensão entre os membros liberais do corpo docente da faculdade e Mikhail Andréievitch (já membro do partido bolchevique).

ainda que, verdade, é possível também observar uma consequência desta época para Reisner que vai além do “adentrar à boemia”. Trata-se de como o contato intenso com escritores, especialmente⁶, como já mencionado anteriormente, do simbolismo e acmeísmo, virá a se tornar uma das bases para os seus primeiros escritos e também inspiração para a criação de seu estilo literário próprio durante o seu trabalho enquanto jornalista (após a Revolução de Outubro), rendendo-lhe ao mesmo tempo diversos elogios – pela sua habilidade de relatar fatos de maneira poética a partir de um “[...] jornalismo que combinava tradições literárias modernistas com temas heroicos e revolucionários[...]” (McElvanney, 2018, p. 201, tradução nossa) – e também diversas críticas, de modo que, após a sua consolidação enquanto jornalista (próximo ao fim da guerra civil), seus escritos eram frequentemente acusados de serem “demasiadamente poéticos” e refinados demais para as massas, a sua proximidade estilística a escritores que haviam inicialmente se oposto à Revolução gerava certa desconfiança em outros escritores e revolucionários (Porter, 2023; Sosnovsky, 1977). Enquanto alguns de seus contemporâneos argumentam que esse

estilo teria diminuído com o tempo, em especial após a sua viagem para Hamburgo em 1923 (Sosnovsky, 1977, p. 206), outros argumentam (tornando este um ponto de embate) que estes primeiros momentos de contato com a cultura literária pré-revolucionária de Petrogrado influenciaram do primeiro ao derradeiro texto de Larissa, como aponta Viktor Chklóvski (1990) em seu texto “A morte mais sem sentido”, publicado como homenagem a Reisner logo após a sua morte em 1926, originalmente no N.2 da revista *Jurnalists* (“Jornalista”):

A cultura de pupila dos acmeístas e dos simbolistas deu a Larissa Reisner a aptidão para ver as coisas.

No jornalismo russo o seu estilo foi o que mais se distanciou dos estilos dos livros.

Isso porque ela era uma dentre os mais cultos. Tão rica foi a maneira que essa jornalista foi formada! (1990, p. 357, tradução nossa).

Em 1912 Reisner se forma no colégio e segue com seus estudos na universidade, ainda buscando a carreira literária. Ela tem seu primeiro contato com a possibilidade de uma carreira profissional ao publicar, em janeiro de 1913, a peça *Atlantida*⁷ no almanaque

⁶ Um dos fatos que evidencia a proximidade que Reisner adquire de figuras-chaves no cenário poético-literário da época é sua amizade travada com Mikhaíl Leonídovitch Lozínski, um dos editores (na época) da revista *Appolón* (“Apolo”) e membro da *Tsiékh Poétov*.

⁷ Radek (1977) ao refletir sobre a peça considera a possibilidade de ela já conter indícios dos descontentamentos de Larissa com o autoritarismo na Rússia e a tentativa de transmitir em escrito a possibilidade de uma revolução. Enquanto Radek salienta o fato de a peça ter sido escrita enquanto

Larissa era mais nova (e apenas publicada em 1913) ele aponta a imaturidade destes primeiros trabalhos, porém a falta de acessibilidade a um manuscrito nos impede de comparar quais teriam sido as ideias de Reisner para o enredo e quais foram as edições e cortes feitos por Andréiev (os quais de acordo com Porter (2023) foram diversos, ao ponto de incomodar Larissa). “Ela [Larissa] retrata um homem que, por meio de sua morte, deseja salvar a sociedade da ruína. Uma peça infantil! Um homem só jamais poderia ‘salvar a sociedade da ruína’. Mas a garota que escreveu aquela peça passou noites em claro

Chipóvnik com o auxílio de Leonid Andréiev (com quem os Reisner há anos nutriam uma relação de amizade, e que, vale notar, era editor do almanaque). Apesar de seu descontentamento com os vários cortes pelos quais sua peça teve de passar, Reisner segue com as atividades de escritora, e escreve e publica, ainda em 1913, dois ensaios sobre os tipos femininos em Shakespeare sob o pseudônimo de Leo Rinus, divididos entre Ofélia e Cleópatra.

Na universidade, Larissa participa de um círculo de poesia. O grupo estudava, produzia e criticava poemas em conjunto e, após se organizar, o grupo imprime - pela universidade - a revista *Boguiéma*, na qual Reisner trabalha como editora. Alguns dos escritores que publicavam na revista - e participavam do círculo de poesia - eram a própria Larissa, Óssip Mandelstam e Vsévolod Rojdiéstvenski. Eventualmente, tentando aumentar seu alcance e trabalhar também com poetas de Moscou, a revista consegue contatar e publicar Liev Nikúlin (Maiorova, 2019; Porter, 2023).

A revista segue com suas publicações até o ano de 1914, quando é fechada por conta da censura militar. O ano de 1914, porém, conta com greves e protestos em massa e uma polarização da sociedade - e da intelectualidade - acerca da participação - ou não - da Rússia na Primeira Guerra Mundial. Tal polarização é um momento de tensão no movimento revolucionário. Muitos que antes se diziam fiéis à causa abandonaram qualquer relação com, ou deliberações sobre, uma

possível Revolução para, em uma onda inusitada de patriotismo, apoiar por completo a participação na guerra (Fitzpatrick, 2017; Porter 2023). Os Reisner se opunham fortemente à guerra, assim como maioria dos bolcheviques. O ano de 1914 foi um momento marcante e viria a ser descrito novamente por Larissa em 1925:

Eram dias tenebrosos. [...] No lugar de ninhos da nobreza derrubados, surgiam casarões com escadarias [...] casarões os quais todo o país sabia o quanto eles custavam em capotes, calças e botas roubados dos campos ensanguentados. Os tijolos dessas construções eram cortados da carne humana crua, e a guerra respirava por cima da fuligem de Petersburgo que vinha de automóveis novos em folha e do fedor de cadáver, que traziam diariamente [...] as jubilosas páginas dos jornais corruptos. (Reisner, 1965a, p. 500, tradução nossa).

A frustração dos Reisner com a transformação de muitos de seus conhecidos em “desertores” do movimento revolucionário impulsionam Larissa a, junto de alguns dos membros do círculo de poesias e com o auxílio de seu pai, criar a revista satírica antiguerra *Rúdin*, cujo nome, inspirado no personagem de Turguêniev, é indício de quem buscavam criticar, satirizar e repreender: os grandes nomes que apoiavam a guerra do conforto de suas casas (enquanto milhares de jovens morriam por uma causa que não lhes dizia respeito diretamente), as pessoas que abandonaram o movimento revolucionário

ponderando sobre a humanidade e os seus sofrimentos.” (Radek, 1977, p. 188, tradução nossa).

e os “homens supérfluos”. Mesmo em meio à censura que se estabeleceu mais fortemente no período da guerra, a *Rúdin* buscava também satirizar o tsarismo e figuras do governo (Maiorova, 2019; Porter, 2023).

Larissa era a editora chefe da revista, cuidando da impressão dos exemplares, das finanças e da admissão de poesias para publicação. Ela era também a pessoa responsável por revisar os textos e se certificar de que eles não seriam barrados pela censura. Apesar do seu papel ser em grande parte administrativo, Larissa também escrevia poemas e críticas para a revista. Ainda que *Rúdin* não fosse a mais conhecida dentre as revistas na época, o pouco de fama que ela alcançou foi suficiente para levantar as suspeitas da censura, e, conseqüentemente, uma vez que a revista não evitava mostrar de forma direta seu descontentamento com o regime tsarista nem com as decisões do governo como um todo, o início do aumento do interesse de terceiros nas publicações já foi visto como motivo para que se impedisse as publicações como um todo. Em 1916 a censura impede que mais exemplares da *Rúdin* sejam publicados ou impressos, e inevitavelmente em novembro desse mesmo ano ela é fechada de vez (Maiorova, 2019; Porter, 2023).

Querendo seguir com a carreira de escritora, no fim de 1916, Reisner, após o fechamento da *Rúdin*, começa a escrever para a revista *Liétopis* (“Crônica”), de Maksim Górkí. Na revista, Larissa

publicava poemas, resenhas literárias e traduções de Rilke e Schiller. Por meio da *Liétopis*, Reisner travou conhecimento com grandes nomes do cenário literário, como Maiakóvski, Essiénin e Chklóvski, com quem ela, inclusive, começou a ir a fábricas para fazer oficinas de escrita - elaboradas por Górkí - com os trabalhadores e incentivá-los a publicar suas obras na revista. No fim do ano de 1916, Larissa também começa uma relação (bastante conturbada) com Nikolai Gumilióv, na qual ambos divergiam extremamente no que diz respeito a posicionamentos políticos, algo que no futuro vem a ser um dos maiores motivos para as discussões entre o casal (Porter, 2023). McElvanney (2018) afirma que o período entre 1916 e 1917 é um dos mais marcados pelo aumento da conscientização política de Reisner, bem como reflexões acerca do seu envolvimento de fato (que era, entre os anos de 1915 e 1916, quase ínfimo, ou pelo menos bastante indireto) no movimento revolucionário, e Gumilióv (ironicamente, e certamente a contragosto, como indicam suas cartas a Larissa) é ligeiramente responsável por isso.

Pouco após o início do relacionamento, Gumilióv parte com o exército para a guerra, o que faz com que ele e Reisner se comuniquem (por bastante tempo) exclusivamente por cartas. A primeira delas, disponível pelo acesso eletrônico da RGB⁸, data de novembro de 1916, e, nela, Gumilióv diz que fazia duas semanas que eles se separaram

⁸ Rossiiskaia Gosudarstviennaia Bibliotieka, conforme consta nas referências.

(McElvanney, 2018). As cartas, nas quais eles se apelidam carinhosamente de “Leri” (Reisner) e “Gafiz” (Gumilióv) delineiam relativamente bem a progressão do relacionamento, enquanto a primeira carta é enviada por Gumilióv em novembro e recebe respostas que poderiam ser vistas como positivas de Larissa, já em dezembro Reisner envia uma carta que dá a entender um possível conflito. As cartas seguem normalmente até 6 de fevereiro de 1917, quando os apelidos “Leri” e “Leritchka” são trocados por “Larissa Mikháilovna”, e “Gafiz” por “Nikolai Gumilióv”, ou apenas “N. G.”. Maiorova (2019) constata que muito deste distanciamento e conflito se dão por diferenças ideológicas, afirmando:

Para Gumilióv, um monarquista e um romântico, a revolução era abominável, os posicionamentos de extrema esquerda de Larissa o irritavam. [...] o tom das suas cartas muda bruscamente. Não haverá mais apelos a Leri, Gumilióv dará prosseguimento às suas conversas com Larissa Mikháilovna, a moça culta e esperta, apesar do seu desagradável *pathos* inerente.” (Maiorova, 2019, p. 188, tradução nossa).

A partir do disponível pela RGB, é possível entender que, entre o mês de fevereiro e o outono (a última carta de Reisner não tem data exata), todas as três cartas escritas por Gumilióv (cada vez mais breves e sintéticas) não tiveram resposta. Ao escrever a sua última carta para Larissa, Gumilióv conclui: “Bem, adeus, divirta-se, mas não se envolva com política.” (Gumilióv; Reisner, 1964, p. 7, tradução nossa).

A última carta de Reisner, conforme já mencionado, foi enviada apenas no outono. Vale notar as mudanças na vida de Reisner entre o fim de 1916 e o outono de 1917, assim como também sua diferente forma de se posicionar, agora mais firme e decidida. Esses serão pontos que virão a ser elaborados mais tarde, porém, enquanto no fim de 1916 Larissa se posiciona como uma pessoa a favor do fim do tsarismo e admiradora dos bolcheviques, suas ações não são necessariamente organizadas junto a nenhum grupo específico, resumindo-se basicamente à ida a manifestações e à publicação das revistas (publicações as quais são interessantes como uma demonstração de resistência ao regime tsarista, mas que não se organizam junto a um grupo maior); já em março de 1917, após a Revolução de Fevereiro, Larissa abandona a faculdade com o objetivo de se dedicar por completo a seguir a causa revolucionária, entrando, formalmente, para o Programa Educacional do Soviete de Petrogrado, e começando a trabalhar para o jornal *Nóvaia Jizn* (“Vida Nova”) de Górkki, no qual seus escritos adotam um tom um pouco mais expositivo e ela começa a pesquisar com maiores detalhes as interseções entre literatura e o movimento proletário (McElvanney, 2018; Porter, 2023). Desta forma, a última carta de Reisner a Gumilióv é, dentre as suas cartas, a que mais assume um tom de indiferença, terminando com Larissa desejando que ele seja no futuro uma pessoa “melhor e mais limpa”, e iniciando com uma despedida: “No caso da minha morte todas as cartas retornarão ao senhor. E com elas aquele

estranho sentimento que nos ligava e que era tão parecido com amor” (Gumilióv; Reisner, 1964, p. 8; tradução nossa).

As Revoluções

O ano de 1917 foi o ano em que a carreira de Reisner enquanto jornalista toma rumos sólidos e o ano em que a sua participação no movimento revolucionário se torna mais concreta. Após a Revolução de Fevereiro todos os cursos das universidades são suspensos e Reisner abandona o estudo formal de vez. Ela entra para o Programa Educacional do Soviete de Petrogrado e administra aulas de literatura, além de ensinar os trabalhadores a escreverem e os encorajar a escreverem de forma reflexiva sobre a própria vida e a discutirem seus trabalhos uns com os outros. Górkí organiza o jornal *Nóvaia Jizn* e Reisner é convidada a trabalhar como jornalista e, com isso, participar também das reuniões para a organização do jornal (McElvanney, 2018; Porter, 2023; Radek, 1977). Evidências de maior compromisso de Reisner com a causa revolucionária, e inclusive com seu trabalho no Soviete de Petrogrado, são também encontradas em escritos de contemporâneos:

Primeira reunião do *Nóvaia Jizn*:
Reisner falava alguma coisa.
Steklóv se horrorizava, e o tempo

todo perguntava aos vizinhos: “Ela é marxista?” E Larissa Mikháilovna naquela época já tomava parte, parece, da reforma ortográfica russa. (Chklóvski, 1990, p. 356, tradução nossa).

Seu primeiro trabalho no *Nóvaia Jizn* foi o poema *Pismo* (“Carta”), publicado em 30 de abril de 1917 e direcionado a Gumilióv. O trabalho é uma denúncia clara da barbaridade e despropósito do seguimento da participação do país na Primeira Guerra Mundial:

[...] Cientista e poeta, admirador da canção de Tasso, / Eu, que rejeitava a vida em nome da preguiça paradisíaca, / Aprendi a estripar a carne torturada, / A mutilar crânios, e a quebrar joelhos.

A sua carta está comigo. Os selos, intactos. / Eu não a li, e isso é claro: / Eu sou apenas a baioneta morta de um exército ensandecido / E os discursos do teu amor não irão lavar as manchas de sangue. (Reisner, *Pismo*, tradução nossa⁹).

Além de produções literárias próprias, no *Nóvaia Jizn*, as publicações de Reisner contam também com artigos sobre o seu trabalho no Soviete de Petrogrado e resenhas de poesia e de teatro. Ao longo do ano, Larissa começa a aprofundar seus estudos no que diz respeito à produção cultural proletária¹⁰ e, em junho, viaja ao

⁹ A tradução do poema não leva em conta a métrica ou maiores elementos de cunho poético, foi feita tendo em vista apenas a possibilidade de ilustrar superficialmente e auxiliar na compreensão do tom geral dos escritos de Reisner.

¹⁰ O interesse de Reisner em produções de cultura proletária deve ser levantado em conjunto com o cenário literário, social e político da época, uma vez que em 1917 surgem também (junto de grupos como o *Proletkult* [*proletárskaia kultura*]) maiores debates

acerca da existência de uma cultura proletária, o que a qualificaria, quem a criaria e como ela se manifestaria, e eles se tornam cada vez mais relevantes e polêmicos. Assim, os escritos de Reisner sobre o tema, e interesse crescente neste, não podem ser separados de um posicionamento político e que de certa forma a afastariam de sua posição inicial de “pupila dos acmeístas” (título dado por Chklóvski (1990), tradução nossa).

Golfo da Finlândia para escrever matérias sobre produções de teatro proletárias e, entre novembro e setembro, publica artigos tratando sobre teatro socialista e atividades culturais acessíveis a trabalhadores (McElvanney, 2018; Radek, 1977). Radek (1977) afirma que os trabalhos no *Nóvaia Jizn* se tratam de um conjunto de escritos que, até Outubro, reúnem o cotidiano destes grupos de trabalhadores, e que deixa clara a ânsia das massas pela atividade criativa junto à emergência dos esforços criativos de uma nova classe que surgiria após a Revolução.

Por meio do *Nóvaia Jizn*, Reisner veio a conhecer Anatóli Lunatchárski, com quem ela, em setembro, começou a trabalhar. Reisner inicialmente auxilia Lunatchárski redigindo cartas, tendo uma função em maior parte secretarial. Porém, ainda assim tratando, em sua maioria, de questões culturais e especialmente da reorganização do cenário cultural pós-revolucionário (McElvanney, 2018). Entre os dias 18 e 19 de outubro, foi feita a primeira conferência de organizações culturais-educacionais proletárias, na qual foi eleito um comitê central das organizações culturais-educacionais proletárias de Petrogrado. Esse comitê contava com o próprio Lunatchárski, Fiódor Kalínin, Nadiéjda Krúpskaia e com Larissa Reisner (Fitzpatrick, 1970, p. 90).

O papel assumido por Reisner durante os dias que correspondem à Revolução de Outubro é motivo de grande debate. Existem diversos relatos sobre quais teriam sido, ou não, os seus papéis em Outubro, e muito disso se dá por conta de uma certa “mistificação”¹¹ pela qual a figura de Reisner veio a passar. Entretanto, por mais que não seja possível saber com exatidão quais foram as ações de Reisner durante esse tempo, ao buscar por um panorama geral da sua história é de interesse que os diversos depoimentos sejam trazidos à tona, uma vez que eles, por mais que possam não ser uma verdade concreta, contêm consigo memórias dos contemporâneos de Larissa, e nisso auxiliam na maior compreensão de quais eram as atitudes *gerais* de Reisner no período de Outubro, e assim levam à delineação de um concepção *geral* de como ela era enxergada por terceiros na época, a partir de quais de suas ações eles tomavam como factíveis ou não.

Andreev (1969 *apud* McElvanney, 2018) afirma que Reisner era uma das pessoas dentro do cruzador *Aurora*, e que ela teria sido a responsável pelo “tiro em branco” que marcaria o início da Revolução. Chklóvski (1990) diz que ela estava “[...] em meio àqueles que tomaram a Fortaleza de Pedro e Paulo [...]” (Chklóvski, 1990, p. 356, tradução nossa). Inber (1966 *apud* Porter, 2023) afirma que

¹¹ O tema da “mistificação” de Reisner é abordado por McElvanney (2018) e por Vasilieva (1994) e se dá principalmente pelo fato de Reisner ter morrido ainda jovem e muito da sua memória vir a ser carregada por terceiros (também com certa nostalgia, que levaria a um certo grau de imaginação). McElvanney (2017) propõe que a própria Larissa

teria sido responsável em parte por esta mistificação, por meio de uma interseção do seu trabalho enquanto jornalista com o trabalho de propaganda, tornando-a uma escritora que estaria em parte “[...] promovendo a imagem de si mesma enquanto a da ‘mulher da revolução’.” (McElvanney, 2017, p. 234, tradução nossa).

ela se apresentou ao Comitê Bolchevique dizendo aceitar “lutar, escrever relatórios e morrer se necessário” (Inber, 1966 *apud* Porter, 2023, p. 90, tradução nossa) para ajudar na Revolução. Todos os relatos mostram Reisner como alguém que estaria de alguma forma envolvida nas ações revolucionárias, e, por mais que não seja possível apontar com clareza o que ela fazia exatamente, é certo que nesta época ela ocupava alguma posição (que não pode ser completamente desconsiderada) enquanto trabalhadora para o partido e participante do movimento revolucionário. McElvanney (2018) corrobora com esta ideia ao apresentar as autorizações concedidas a Reisner pouco após à Revolução, as quais concediam-lhe liberdade para se locomover livremente pela cidade independentemente do horário, e acesso desimpedido ao Palácio de Inverno (McElvanney, 2018).

Esses documentos demonstram a posição e os contatos de Reisner dentro do Partido Bolchevique na época da Revolução de Outubro, apesar do fato de ela ainda não ser afiliada. (McElvanney, 2018, p. 197, tradução nossa).

Em novembro, Reisner publica seu último artigo para o *Nóvaia Jizn*. Por meio do seu acesso desimpedido ao Palácio de Inverno, Reisner elabora sua reportagem *V zímnem dvortsié* (“No palácio de inverno”), na qual analisa e condena (em alguns momentos também ridiculariza levemente) a vida dos *tsares* no Palácio de Inverno, e na qual ela apresenta fortes críticas ao Governo Provisório, em especial à figura de Kiérenski, e ao sitiamiento do Palácio

antes da Revolução de Outubro (Fitzpatrick, 2017; McElvanney, 2018; Reisner, 2024).

Nós gostaríamos de saber para que, afinal, foi necessário se instalar no Palácio de Inverno? Para que foi necessário comer e dormir como um tsar, pisotear a elegância, o luxo e a riqueza das quais apenas o povo tem o direito de dispor [...]. Mas será que o ministro não sabia que a luta política podia, a cada instante, derrubá-lo tanto do seu cargo quanto da cadeira de Nicolau II, que ele expunha a grande perigo os tesouros da arte em meio aos quais se atreveu a viver? E assim foi. (Reisner, 2024, p. 186).

O artigo foi extremamente controverso e gerou uma onda de reclamações por parte dos apoiadores de Kiérenski e do Governo Provisório. Insatisfeito com as reações, e, também, com Larissa (uma vez que era uma norma do *Nóvaia Jizn* não atacar indivíduos nominalmente), Górkí publica um pedido de desculpas público no jornal. A Reisner é concedido o direito de resposta, e ela publica um texto tratando do assunto, no qual diz não se importar com Kiérenski enquanto um indivíduo, e reafirma que a menção do seu nome era importante por ele ser uma figura relevante no cenário apresentado. Reisner, então, opta por se retirar da equipe do jornal, e não faz mais publicações (Porter, 2023).

Apenas em 1918, Reisner se filia oficialmente ao Partido Bolchevique e trabalha, durante um tempo, como agitadora na base naval de Kronstadt (McElvanney, 2018, p. 197). Reisner já havia trabalhado anteriormente, por conta da sua

participação no Programa Educacional do Soviete de Petrogrado, em Kronstadt. Em ambos os casos, as suas funções, além de agitação e propaganda, são as de dar aulas de literatura e escrita para os marinheiros, além de também tratar com eles do tema da cultura proletária. Anteriormente em Kronstadt ela veio a conhecer Fiódor Fiódorovitch Raskólnikov, com quem se casa em maio de 1918. Ainda em 1918 ela publica a sua primeira reportagem para o jornal *Izvestiia*. Em abril, Larissa sai do seu posto no Comissariado da Educação e parte junto dos marinheiros para a Campanha do Volga¹², agora enquanto oficial de inteligência e correspondente oficial do *Izvestiia* (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

A Campanha do Volga ocorreu em um momento de grande tensão da Guerra Civil, quando após a tomada de Kazan pelas forças contrarrevolucionárias a situação se tornou mais crítica ainda, culminando com a convocação de Trótski (que era, na época, Comissário de Guerra) ao Volga. O quinto exército, do qual Reisner fazia parte, é reconhecido por participar de uma das lutas mais importantes para retomar o controle da região de Kazan. A partir de suas experiências no campo de batalha¹³, Reisner produziu reportagens com uma perspectiva única e penetrante. Chklóvski (1990) afirma que foi na Campanha que

Reisner pôde encontrar o seu próprio estilo literário, ainda que ela já escrevesse antes. Apenas após o Volga, o estilo pelo qual Larissa foi posteriormente reconhecida tomou de fato forma, a partir de um contraste entre jornalismo de guerra expositivo e as tradições literárias modernistas, as quais ela tanto apreciava e buscava ser, em parte, adepta. Seus artigos ao *Izvestiia* eram publicados regularmente sob o título de *Pisma s fronta*, e eventualmente vêm a ser agrupados e publicados no livro *Front*, em 1924 (outras edições do *Front* foram também criadas, posteriormente, com publicações de Reisner após a guerra civil) (Maiorova, 2019; McElvanney, 2018; Porter, 2023).

Após a retomada do controle de Kazan e a Campanha do Volga ser considerada bem-sucedida, Reisner segue com a flotilha o rumo do rio Kama. Reisner continua, ao longo de toda a Guerra Civil, escrevendo textos sobre os combates e sobre o dia a dia dos marinheiros. Um dos textos que encapsula bem o tom geral da escrita de Reisner é *Kazan-Sarápul*, uma reportagem que ela escreve para o *Izvestiia* nesta época, em que a flotilha segue com suas atividades no rio Kama. Reisner narra parte da trajetória da flotilha até chegar à cidade de Sarápul, e a segunda metade do texto fala explicitamente sobre o estado de calamidade no qual ela veio a encontrar a

¹² A Campanha do Volga foi uma campanha militar executada durante maio e novembro de 1918 que visava impedir os levantes contrarrevolucionários do Exército Branco e a invasão de países estrangeiros ao longo do Volga (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

¹³ Vale notar que Larissa atuou enquanto jornalista, mas também participou ativamente de lutas junto da flotilha. Este fato é corroborado não apenas por meio dos relatos de seus contemporâneos, mas também

por fatos concretos como a sua futura nomeação como Comissária. Atividades de reconhecimento para a elaboração de estratégias, nas quais Reisner ia disfarçada ao território inimigo, colocando a vida diretamente em risco, são também parte das tarefas das quais Reisner era encarregada na flotilha, sendo muitas vezes indicada pelo próprio Trótski para o cumprimento de tais (Maiorova, 2019; McElvanney, 2018; Porter, 2023).

cidade de Sarápul, narrando o desespero dos cidadãos e os desastres da guerra.

Tchístopol, Elábuga, Tchelný e Sarápul, todos esses vilarejos inundados em sangue, modestas vilas inscritas na história da Revolução por meio de uma marca escaldante. Em um lugar atiraram ao Kama as esposas e filhos de soldados do Exército Vermelho, e não pouparam nem sequer os chorosos bebês de colo. Em outro, avermelham-se no caminho até agora poças ressecadas, e ao redor delas o magnífico rubor das outonais árvores bordo parece o rastro de um massacre.

Essas esposas e essas crianças desses assassinados não correm para além da fronteira, não escrevem, depois, memórias sobre a queima de antigas fazendas com os seus Rembrandts e depósitos de livros, ou sobre a fúria da Tcheká. Ninguém em nenhum lugar vai saber, ninguém faz alarde para a toda sentimental Europa sobre os milhares de soldados fuzilados na alta margem do Kama, enterrados pela correnteza nos lodosos baixios, cravados em costas inabitadas. (Reisner, Kazan-Sarapul, 2012, tradução nossa).

Em dezembro de 1918, Reisner vai a Moscou para receber o título de Comissária Política da Marinha, tornando-se a primeira mulher a ocupar esse posto. Em 1919, Larissa retorna ao front junto das flotilhas Volgo-Caspianas e Astracã-Caspianas, que vão até as cidades de Baku e de Bandar-e Anzali. Em junho de 1920, Reisner retorna a Moscou, e pouco tempo depois vai para Petrogrado (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

Retorno a Petrogrado

Não estando mais no front e a Guerra Civil chegando ao fim, a vida de Reisner retoma maior proximidade ao literário. Apesar de problemas com a publicação de livros estarem afetando a União Soviética como um todo, Reisner começa a organizar suas primeiras reportagens para o *Izvestiia*, tendo em vista a publicação de um livro. Ela volta a se inserir, após tantos anos no meio jornalístico, no meio literário de Petrogrado. Larissa organiza diversas oficinas de escrita e se torna professora de literatura nas *rabfaks*¹⁴. Ela se utilizava das suas conexões prévias com o mundo literário para enriquecer o conteúdo de suas aulas, e, com isso, levou seus alunos para conhecer nomes importantes da literatura contemporânea, como Blok e Gumilióv (que aceitava receber seus alunos, apesar da antipatia mútua que ambos nutriam um pelo outro) (Porter, 2023). Reisner, nesse meio tempo, aproxima-se mais, também, de Liev Nikúlin e de Anna Akhmátova. O relacionamento de Reisner e Akhmátova é um particularmente dúbio. Enquanto, por um lado, Reisner teve um relacionamento com Gumilióv enquanto ele ainda era casado com Akhmátova, por outro ela sempre admirou a poeta fervorosamente. Com isso, Akhmátova relata a Tchukóvskiaia (1997) seu primeiro encontro com Reisner (ainda antes da Revolução, por volta de 1916), no qual Larissa a teria

¹⁴ *Rabfak* (*Rabótkhii fakultiét*) eram ambientes onde se ministravam aulas para auxiliar trabalhadores que não tiveram um ensino formal a ingressar no ensino

superior. Geralmente os estudantes passavam de quatro a três anos na *rabfak* antes de serem admitidos a uma universidade (Fitzpatrick, 1970).

visto após uma apresentação no *Privál komediántov* e se aproximado “com duas lágrimas a postos nas bochechas” (p. 79, tradução nossa). Akhmátova narra que, após a cumprimentar com um aperto de mãos, Larissa se comove e a agradece. No geral, os relatos de Akhmátova incluem certo estranhamento frente às emoções de Reisner (geralmente bastante expressivas). Ela traduz este espanto em sua narração a Tchukóvskaja:

[...] o que era aquilo? Uma moça bonita, jovem, para que se humilhar assim? Como é que eu poderia saber, então, que ela tinha um romance com Nikolai Stepánovitch? Além disso, mesmo se eu soubesse, por que que eu não estenderia a minha mão a ela? (1997, p. 79, tradução nossa).

Ainda assim, alguns biógrafos de Akhmátova, como Feinstein (2005), apontam certa simpatia por parte de Akhmátova, ainda mais nessa época, em 1920, em que Reisner retorna a Petrogrado após seu período com as flotilhas e busca visitar a poeta. Em sua visita a Akhmátova, Reisner vê que ela passa por dificuldades extremas, e nisso busca lhe ajudar, providenciando-lhe comida, novas roupas, e um emprego como bibliotecária (Feinstein, 2005; Porter, 2023). Reisner e Akhmátova mantêm certa relação, tendo ocorrido, posteriormente, outros encontros e havendo certo registro de possível troca de cartas - em nosso levantamento, foi possível encontrar uma carta de Larissa para Akhmátova, enviada após a morte de Blok. Larissa sempre tratava de Akhmátova com grande reverência,

enquanto os relatos de Akhmátova sobre Reisner oscilam entre certo afeto e incômodo. Apesar de os relatos de Akhmátova para Tchukóvskaja (1997) penderem mais para um lado negativo, Feinstein (2005) salienta que, ao descobrir a notícia da morte de Reisner, ela toma o fato como um grande choque e se entristece bastante, tendo visto Reisner como uma pessoa “alegre, saudável e bela” (Feinstein, 2005, p. 128, tradução nossa).

Assim, enquanto o papel de Reisner na vida literária e social se torna cada vez mais ativo, os seus críticos se tornam cada vez mais ativos também. Com isso, a “proximidade” entre Reisner e Akhmátova se torna um pouco mais relevante. Como já mencionado anteriormente, o jornalismo de Reisner sofre duras críticas por suas similaridades às tendências dos acmeístas, a sua proximidade e impossibilidade de renunciar a esse estilo levam Reisner a ser amplamente criticada. Porter (2023) descreve esse período como um em que Larissa se preocupa demasiadamente com a recepção de sua escrita, trabalhando a ponto de adoecer. Eventualmente contemporâneos, como Sosnovsky (1977), irão abordar o tema das “provações” pelas quais Reisner teve de passar para ser aceita no meio jornalístico. Certamente, ao olhar para a situação com um olhar mais crítico, é impossível não ter como hipótese que o fato de que muitas das dificuldades pelas quais Reisner veio a passar com a crítica da época, por meio das acusações de uma escrita com muitos “floreios” e muito “romântica”, podem ter ocorrido por ela ser uma mulher ocupando um campo

predominantemente masculino. Ao tratar da recepção de suas obras, este é um ponto ao qual é importante se atentar e uma questão que surge principalmente após ler reflexões feitas posteriormente à morte de Reisner em 1926, como por Liev Sosnóvski em seu texto “Em memória a Reisner” (1977):

Hoje, conforme nós nos lembramos de Larissa Mikháilovna, nós devemos ser absolutamente francos. Nós temos sido injustos com ela, e eu sou um daqueles que foram injustos com ela. Ele percorreu a sua jornada por entre nós como se passando por uma sucessão de barreiras, nas quais ela era testada silenciosamente. (p. 204, tradução nossa).

Especialização enquanto jornalista e ida ao Afeganistão

O retorno de Reisner do front e o fim da Guerra Civil são importantes para que outros rumos da sua carreira enquanto revolucionária se desenvolvam. Não havendo mais a necessidade de estar presente no front junto da flotilha, o seu papel enquanto membro do partido e enquanto jornalista começa a tomar rumos um pouco diferentes. É impossível separar qualquer produção de Reisner “como jornalista” de suas produções “como revolucionária”. Isso se dá não só pelo fato de ser impossível separar uma pessoa em duas, mas também pelo fato de que a produção jornalística foi, para Reisner, desde sempre, um ato inerentemente

político. Assim, quando tratamos da sua permanência em Moscou e Petrogrado e de uma maior ênfase de sua parte em um trabalho de cunho jornalístico, não podemos, absolutamente, tratar isso como um afastamento do fazer revolucionário, mas sim como um “remanejo” de funções, de modo que o seu trabalho enquanto revolucionária tomaria agora focos um pouco diferentes. Desta forma, em 1921, Reisner é contratada como correspondente oficial do *Pravda* (“A verdade”). E McElvanney (2018) apresenta esse maior foco de Reisner no jornalismo:

“[...] coincidiu com a introdução da Nova Política Econômica (NEP) e um movimento geral em direção a uma cultura profissional de jornalismo. Acabado o Comunismo de Guerra, havia, também, menor necessidade para que os ativistas do partido assumissem vários papéis.” (McElvanney, 2018, p. 218, tradução nossa).

Também nessa época, o marido de Reisner, Raskólnikov, é enviado em missão diplomática¹⁵ para o Afeganistão. Enquanto Raskólnikov é enviado com posto de diplomata, Reisner parte para o Afeganistão como correspondente do *Pravda*. Não é claro qual era exatamente o posto que Larissa ocupou na ida ao Afeganistão enquanto membra do Partido. Ambos, Reisner e Raskólnikov, obtiveram um posto no Comissariado do Povo para Assuntos Estrangeiros, como explicita Porter (2023). E McElvanney (2018)

¹⁵ Como salientam McElvanney (2018) e Porter (2023) o irmão mais novo de Larissa, Igor Reisner, já trabalhava a serviço do governo soviético no

Afeganistão e há chances consideráveis de ele ter sido parcialmente responsável pela indicação de Raskólnikov.

reconhece a sua participação enquanto parte de um grupo de inteligência durante a viagem, porém, aparentemente (até onde a pesquisa conseguiu alcançar), para além do seu título enquanto jornalista (e enquanto a esposa de um diplomata¹⁶), Reisner não dispunha de nenhum título oficial. Porém, não dispor de um título oficial não exclui a possibilidade de que Reisner estaria, de certa forma, também trabalhando enquanto membra do partido durante a estadia no Afeganistão, uma vez que Maiorova (2019), Radek (1977) e Porter (2023) tratam explicitamente da possibilidade de que Larissa teria trabalhado, a partir da sua aproximação de esposas de figuras influentes no cenário político afegão, juntando importantes informações sobre as intrigas, desentendimentos, e sentimentos gerais sobre a aproximação do governo soviético. Reisner teria trabalhado com o repasse dessas informações e tornado (como que se “por baixo dos panos”) mais fáceis as negociações entre a União Soviética e o Afeganistão. Tal possibilidade se torna mais viável ainda ao avaliar, também, e conforme observado por McElvanney (2018), as grandes chances de Reisner estar nessa época (e posteriormente, na sua ida a Alemanha, ainda a ser tratada neste artigo) trabalhando para a Komintern¹⁷.

Por meio da esposa e da mãe do Khan, Larissa não apenas conseguiu obter informações valiosas sobre as intrigas da corte, mas pôde, também, exercer influência no cenário político em Kabul. Ela, no mesmo grau que Raskólnikov, contribuiu para o fracasso das intrigas inglesas. Por meio dos esforços conjuntos, o par foi bem-sucedido em frustrar os planos dos diplomatas ingleses para a depreciação da política externa soviética no Afeganistão, e em conseguir considerável êxito no campo diplomático. (Maiorova, 2019, p. 232, tradução nossa).

Vale notar que, Maiorova (2019) também atribui a ambos, Reisner e Raskólnikov, o sucesso do pacto afegão-soviético firmado em 11 de agosto de 1921.

Um documento de grande importância ao analisar não apenas a estadia de Reisner no Afeganistão, mas também como se dava toda a sua vida, pessoal e profissional, é a sua carta escrita para Aleksandra Kollontai em 1922. Ainda que a carta seja breve, nela Reisner aborda diversas questões, e a primeira que vale mencionar diz respeito diretamente às suas funções durante o tempo no Afeganistão. A primeira questão desse tipo a ser abordada é sobre a participação de Reisner na Komintern. Nessa carta, Reisner se descreve para Kollontai (que, vale notar, também trabalhava na Komintern na época) como uma “funcionária-

¹⁶ Ainda que não seja, de forma alguma, o objetivo da pesquisa colocar o relacionamento de Reisner com Raskólnikov enquanto um “título” (muito pelo contrário, na verdade), neste cenário é importante ressaltar que, muitos dos acessos dos quais Reisner conseguiu dispor foram, (como ela aparentemente, e infelizmente, não parecia dispor de um título de autoridade na ida ao Afeganistão) a partir da sua possibilidade de examinar o espaço enquanto esposa

de um diplomata, dando-lhe acesso a algumas áreas (e impedindo, em outras) e perspectivas únicas a partir desse “título”.

¹⁷ A Komintern (*Kommunističeskii internatsional*) foi uma organização fundada por Vladímir Lênin em 1919 com o objetivo de reunir os partidos comunistas de diferentes países, de modo a lutar internacionalmente pela superação do capitalismo. A Komintern vem a ser dissolvida em 1947.

informante” (*sotrudnik-informator*) da organização. A sua participação se torna mais clara ainda no decorrer da carta:

Infelizmente, eu fui chamada para o trabalho da Komintern já após a minha partida e, por isso, não sei o que exatamente é preciso escrever para o meu importante cliente. Por isso ofereço, na forma de notas, todas as minhas observações afegãs, muito limitadas e unilaterais em seu conteúdo. (Reisner, 1965b, p. 534, tradução nossa).

Na carta, Reisner vem a falar sobre como tem sido seu período no Afeganistão, e a partir dela é possível notar, também, uma crescente insegurança de Larissa em relação ao seu trabalho como jornalista. Durante a carta, ela fala com Kollontai sobre os seus receios referentes à publicação do seu livro “Notas do Afeganistão”, e, apesar de o aparente sucesso de Reisner no campo jornalístico, ela diz conseguir ver, em sua imaginação, o seu manuscrito guardado (ou melhor, abandonado) embaixo das mesas de “todos os tipos de secretárias [...], na poeira e em honrável esquecimento” (Reisner, 1965b, p. 534, tradução nossa).

Essa carta tem, ainda, um papel muito interessante no que diz respeito ao início de uma possível conexão de Reisner com figuras já envolvidas no tópico da questão feminina (*jénski voprós*), e o surgimento uma reflexão mais aprofundada (talvez até mesmo interessada) sobre o tema. Reisner, durante a sua vida (seja isso por conta do curto tempo em que viveu, seja por questões terceiras) não chegou a ter uma

participação ativa (ao menos registrada) na luta pela emancipação feminina. Nem mesmo em seus escritos iniciais pré-revolucionários chegou a dar grande atenção ao tema. Entretanto, a carta de Reisner a Kollontai (cujas contribuição e participação para o feminismo como um todo são tamanhas que dispensam apresentação) demonstra haver certo interesse de Larissa. Afinal, Reisner apresenta certo descontentamento com a ideia de que poucas pessoas poderiam ver as suas observações sobre a vida das mulheres afegãs (tema de muitos dos escritos de Reisner durante o período no Afeganistão) e demonstra interesse sobre o funcionamento da seção feminina do Komintern:

Enquanto isso, a única pessoa que pode vir a ler essas notas sobre as mulheres afegãs, e a quem elas podem ser de interesse, é a senhora. [...] Essa carta e o manuscrito serão entregues para você pelo camarada Kirillov, [...] ele pode [me] trazer a sua resposta caso você queira me dar qualquer tipo de instrução no que diz respeito ao trabalho para a seção feminina do Komintern. (Reisner, 1965b, p. 534, tradução nossa).

Ainda que, na carta a Kollontai, Reisner se preocupe com o seu trabalho enquanto jornalista, não é correto afirmar que o seu trabalho tenha sido completamente “deixado de lado” durante o seu período no Afeganistão. Isso porque, como exposto por McElvanney (2018), nessa época, Reisner, além de continuar escrevendo para o *Pravda*, também recebe convites para escrever para o jornal *Petrográdskaia Pravda* (“A verdade de

Petrogrado”). Fato que evidencia que as suas produções enquanto jornalista, ao contrário da sua própria opinião, não estavam fadadas à “poeira” e ao “honrável esquecimento”, mas muito pelo contrário, eram procuradas por outros. Os escritos de Reisner sobre o Afeganistão viriam a ser publicados em 1925 na coleção *Afganistan* pela Gosizdat.

Outro aspecto a ser brevemente observado na carta para Kollontai é como Reisner retrata o seu relacionamento com Raskólnikov. Ao abrir a carta, Reisner se queixa a Kollontai sobre a insistência de Raskólnikov para que ela envie os seus manuscritos a todos os escritórios possíveis da Komintern (um provável indicativo de onde, possivelmente, parte do desgaste e das dúvidas de Larissa podem ter surgido), e, nesta queixa, ela nomeia, de forma irônica, Raskólnikov como seu “chefe na família e no trabalho” (*siemieinoe i slujiebnoie natchalstvo*). Isso mostra não apenas uma reflexão crítica acerca das relações e papéis sociais usualmente colocados, e os quais deveriam ser superados, entre marido e esposa (o sarcasmo com o uso do termo “superior” é evidente), mas também já torna claros os indícios de que o relacionamento entre Raskólnikov e Reisner se deteriorava, de forma que Reisner viria a se divorciar dele em 1923, após retornar (sozinha) à Rússia (McElvanney, 2018; Porter, 2023; Radek, 1977).

“Hamburgo nas barricadas” e últimas

¹⁸ Foi formulada toda uma narrativa envolvendo a figura de “Magdalína Mikháilovna Kraiévskaja”, inclusive a criação de uma filha de dois anos

atividades

Após a volta do Afeganistão, Reisner passou um curto período em Moscou, até ser encaminhada para a Alemanha para cobrir, como correspondente do *Izvestiia*, os levantes de operários alemães (na esperança de uma possível revolução bem-sucedida), e para agir como intermediária (isto é, para possibilitar um contato direto) entre a Komintern e os comunistas de Dresden que se organizavam visando um levante (McElvanney, 2018; Porter, 2023). Reisner parte para a Alemanha junto de Karl Radek, utilizando um passaporte falso com o nome de “Magdalína Mikháilovna Kraiévskaja”. Na Alemanha, ela escreve também para os jornais *Pravda*, *Jizn* (“A vida”), *Krásnaia gazieta* (“Jornal vermelho”) e pelo *Petrográdskaia pravda*, que já havia tentado contato com Reisner durante a sua ida ao Afeganistão. O fato de Reisner ter sido indicada para a ida à Alemanha, de Radek ter se juntado a ela, e de terem ocorrido tamanha organização e planejamento (incluindo a criação de documentos e histórias¹⁸ falsos para que ela não fosse, de forma alguma, descoberta) indicam que Reisner dispunha de uma posição de confiança dentro do Partido, e que a sua escolha enquanto pessoa para realizar esse trabalho foi premeditada e feita cautelosamente (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

Reisner chega em Dresden em outubro de 1923, porém, alguns dias após a

chamada “Alis” e uma série de motivos ocultar a verdadeira razão de Reisner viajar até Dresden.

sua chegada, surgem notícias de um levante em Hamburgo. Logo, ela vai para Hamburgo com Radek. Radek (1977) atesta a imersão de Reisner em meio às massas, afirmando o quão factíveis eram os seus escritos sobre Hamburgo, uma vez que ela mesma teria procurado escutar, pesquisar e viver, durante a sua estadia na Alemanha, junto do proletariado e de comunistas alemães. Eventualmente, a sua série de escritos feitos nessa época (entre outubro de 1923 e janeiro de 1924) é publicada em 1924 a partir de uma coletânea intitulada *Gamburg na barrikadakh* (“Hamburgo nas barricadas”) (McElvanney, 2018; Porter, 2023).

Dessa forma, Reisner segue com o seu trabalho de jornalista e representante do Partido. Em 1924, ela escreve um artigo para o *Pravda* sobre a Terceira Conferência Internacional de Mulheres Comunistas, e, mais tarde, parte para os Urais para escrever sobre a industrialização na região. Novamente encontra-se uma comprovação do reconhecimento de Larissa enquanto jornalista e membra do partido, uma vez que é emitida uma série de documentos oficiais que afirmam que a Reisner deveria ser dado o acesso às fábricas e toda a assistência necessária para que ela completasse o seu trabalho (McElvanney, 2018, p. 223). A partir da sua ida para os Urais, Reisner escreve o livro *Úgol, Jeliézo i Jíoye Liudi* (“Carvão, Ferro e Pessoas Vivas”, publicado apenas em 1925), que é comparado por Radek (1977) a “Hamburgo nas barricadas”, no sentido de que, em ambos os livros, Reisner passa por um processo de imersão para retratar a vida

das pessoas. No geral, maior parte das grandes produções de Reisner, ao menos as que vieram a se tornar coletâneas (como “Front”, “Hamburgo nas Barricadas” e “Carvão, Ferro e Pessoas Vivas”), são escritos feitos a partir de uma imersão direta da autora nas situações que ela retrata e de sua reflexão acerca dos eventos e das pessoas que a cercam.

Apesar do sucesso da carreira jornalística de Reisner, o ano de 1925 foi um ano marcado por discordâncias e discussões com o jornal *Izvestiia*, para o qual ela publicava desde o início de sua carreira, e do qual era, agora, oficialmente contratada. Reisner começa a ter uma série de confrontos com Steklóv, editor do jornal. McElvanney (2018) afirma que, ao se defender das acusações de Steklóv de que ela não cumpria os requisitos do jornal, Reisner teria afirmado que “[...] era difícil atender à *quota* de 700 linhas por mês quando o editor cortava 800 linhas do seu trabalho” (McElvanney, 2018, p. 225, tradução nossa). Essa questão foi eventualmente resolvida após o Steklóv ser retirado do seu cargo enquanto editor do *Izvestiia* (McElvanney, 2018). Porém, como notado por Maiorova (2019), Reisner continuou enfrentando questões referentes ao seu estilo literário:

Entretanto, a prosa floreada de Reisner era categoricamente rejeitada também pelo seu [de Steklóv] sucessor I. Skvortsóv-Stepánov. De acordo com as memórias de V. Chalámov, ele “retalhou” três folhetins de Larissa. [...] Ela o confrontou e insistiu no seu direito de escrever “folhetins artísticos”. (Maiorova, 2019, p. 256, tradução nossa).

Porém, apesar das dificuldades enfrentadas (quase que cronicamente) por conta do seu “estilo literário”, Reisner ainda era, no fim das contas, uma jornalista de certo sucesso, como indicam as presenças de outros escritos seus datados dessa época (por exemplo, a série de artigos intitulada *Dekabristy* [“Dezembristas”]) e também a existência de outros trabalhadores do ramo jornalístico que iam à sua defesa, como Aleksandr Vorónski, da revista *Krasnaia nov*, que, ainda em 1925, publica um texto a elogiando (Porter, 2023; Reisner, 1965).

Outro fator que comprova, se não o seu sucesso, então pelo menos o reconhecimento de Reisner enquanto jornalista, revolucionária e escritora, é o conjunto de reações à sua morte em 9 de fevereiro de 1926. Larissa falece após sofrer de febre tifóide, o seu funeral ocorre na Casa de Imprensa do Boulevard Nikítski, onde uma multidão de pessoas (contendo jornalistas, revolucionários, escritores, membros da marinha...) comparece para prestar condolências (Maiorova, 2019; Porter, 2023). No período posterior à morte de Larissa uma série de textos são publicados em seu nome, dentre eles “A morte mais sem sentido” (*Biessmysliennieichaia smiert*) de Viktor Chklóvski, o poema “Em memória a Reisner” de Boris Pasternak¹⁹ (*Pamiati Reisner*), o texto *Larissa Reisner* de Karl

Radek²⁰, a publicação “Em memória a Larissa Reisner” (*Pamiati Larisy Reisner*) de Liev Sosnóvski e “Larissa Reisner: um ensaio crítico” (*Larisa Reisner: krititcheskii otchierk*) de Innokiénti Oksiónov (McElvanney, 2018). Assim, o choque com a morte de Reisner ocupa grande espaço no imaginário de seus contemporâneos, e se vai, de forma tão repentina, uma figura tão emblemática e influente no jornalismo e literatura da época.

Para mim é muito difícil escrever. O tempo pretérito não cai bem à falecida. Como aqui se escreverá sobre alguém que se vai antes da sua hora? Que morte mais sem sentido!

[...]

Apenas tinha começado, Larissa Mikháilovna, a escrever. Não acreditava em si mesma, e então estudava e reestudava sem parar.

[...]

E eis um rosto estranho na familiar sala da Casa de Imprensa. Tantas vezes a viram aqui!

Arrancaram, como se com os dentes, um pedaço vivo do jornalismo russo.

Os amigos nunca vão se esquecer de Larissa Reisner. (Chklóvski, 1990, p. 356-358, tradução nossa).

Considerações finais

Larissa Mikháilovna Reisner foi uma figura relevante no meio revolucionário, jornalístico e, em parte, do cenário literário do início do século XX. Estudar a história de Reisner envolve uma série de questões históricas e sociais com as

¹⁹ Algumas autoras, como Vasilieva (1994), Maiorova (2019) e Porter (2023), levantam a possibilidade de a personagem Lara (também chamada Larissa) do romance de Pasternak, *Doutor Jivago*, ter recebido esse nome em homenagem a Reisner.

²⁰ Após o período que passaram juntos na Alemanha, Reisner e Radek vieram a ter um relacionamento romântico. Por conta disto, existem diversos registros referentes à sua participação em específico no funeral, e em ações para prestar condolências a Reisner.

quais ela estava diretamente envolvida. E estudar essas questões a partir da figura de Reisner (tendo-a como centro) torna possível uma série de reflexões acerca das aberturas e possibilidades conquistadas pelas mulheres no período imediatamente posterior à Revolução. Tendo sido Larissa Mikháilovna uma das primeiras pessoas a escrever reportagens diretamente do front durante o período da Guerra Civil (McElvanney, 2017), os seus trabalhos para o *Izvestiia* trazem consigo uma visão inédita e singular da vida nas linhas de frente da guerra, a partir da qual é possível fazer uma série de reflexões acerca da interseccionalidade entre jornalismo, literatura e propaganda. Também é interessante observar, de forma crítica, os contrastes entre a relevância atribuída por terceiros ao trabalho de outras figuras (homens) que trabalharam junto a Reisner na época, e ao trabalho dela mesma. Como, por exemplo, o reconhecimento que recebem Fiódor Raskólnikov e Karl Radek, enquanto Reisner (que, em muitas ocasiões, viveu os mesmos momentos que eles e fez trabalhos semelhantes a ambos) costuma ser pouco mencionada e é geralmente resumida a alguma espécie de “par romântico” de algum dos dois (ou até mesmo é alvo de uma série de suposições não fundamentadas que, mais preocupadas com encontrar algum homem o qual possam “juntar” a Reisner do que com um retrato fidedigno da história, preocupado com a representação dos feitos de Larissa Mikháilovna, constroem narrativas que tiram dela toda sua credibilidade e envolvimento ativo nos

atos enquanto revolucionária e jornalista).

Desta forma, foi de interesse do grupo de estudos “Mulheres russas do século XIX: em textos e contextos” o registro de uma breve biografia de Larissa Mikháilovna Reisner. De modo a melhor compreender, enquanto grupo, a história de uma figura tão emblemática e para poder organizar uma linha do tempo inicial, visando facilitar maiores pesquisas e reflexões acerca da vida e produção de Larissa Reisner.

Referências

- CHKLÓVSKI, V. B. BESSMISLENNEICHAIA SMERT. In: CHKLÓVSKI, V. B. **Gamburgskii schiot**: Stati — vospominaniia — esse (1914 — 1933). Moskva: Sovetskii pissatel, 1990. p. 356–358.
- FEINSTEIN, E. **Anna of all russians**: The life of Anna Akhmatova. Nova York: Random House Inc., 2005.
- FITZPATRICK, S. **The Commissariat of Enlightenment**: soviet organization of education and the arts under Lunacharsky october 1917–1921. Londres: Cambridge University Press, 1970.
- FITZPATRICK, S. **A Revolução Russa**. Tradução: José Geraldo Couto. São Paulo: Todavia, 2017.
- GUMILIOV, N.; REISNER, L. **Perepiska Nikolaia Gumiliova s Larisoi Reisner**. Moskva: Rossiiskaia gosudarstvennaia biblioteka, f. 245, karton 6, 1964. Disponível em: https://olden.rsl.ru/datadocs/doc_9089ni.pdf. Acesso em: 21 abr. 2024.
- MAIOROVA, E. **V ognie revoliutsii**: Mariia Spiridonova, Larissa Reisner. Sankt-Peterburg: Aleteiya, 2019.

McELVANNEY, K. Women Reporting the Russian Revolution and Civil War: The Frontline Journalism of Ariadna Tyrkova-Williams and Larisa Reisner. *Revolutionary Russia*, v. 30, n. 2, p. 228-246, 2017.

McELVANNEY, K. **Women Journalists in the Russian Revolutions and Civil Wars: Case Studies of Ariadna Tyrkova-Williams and Larisa Reisner, 1917-1926.** Tese (Doutorado) - Universidade Queen Mary of London, 2018. Disponível em: <<https://qmro.qmul.ac.uk/xmlui/handle/123456789/58450>>. Acesso: 28/09/2023.

PORTER, C. **Larisa Reisner. A Biography.** Londres: Brill, 2023.

RADEK, K. Larissa Reissner. In: REISSNER, L. **HAMBURG AT THE BARRICADES:** and other writings on Weimar Germany. Tradução: Richard Chappell. Londres: Pluto Press, 1977. p. 185-198.

REISNER, L. M. Pismo, 1917. **Novaia jizn**, № 11. Disponível em: <https://gumilev.ru/additional/218/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

REISNER, L. No palácio de inverno. [Trad. Clara D. de A. Magalhães]. **RUS** (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 15, n. 27, p. 179-188, 2024. DOI: [10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.229552](https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.229552). Disponível em: <https://www.periodicos.usp.br/rus/article/view/229552>. Acesso em: 1 jan. 2025.

REISNER, L. CHTO VSPOMNILOS' SEGODNYA. In: **Izbrannoe.** Moskva: Khudojestvennaia literatura, 1965a, p. 499-502.

REISNER, L. PISMA. In: **Izbrannoe.** Moskva: Khudojestvennaia literatura, 1965b, p. 511-556.

REISNER, L. M. **Kazan** - Sarapul, 2012.

Disponível em: http://az.lib.ru/r/rejsner_1_m/text_1918_kazan-sarapul.shtml. Acesso em: 12 nov. 2023.

REISNER, L. M. **Stikhotvoreniia**, 2018. Disponível em: http://az.lib.ru/r/rejsner_1_m/text_0030.shtml. Acesso em: 12 nov. 2023.

REISNER, L. M. **Pismo Anne Akhmatovoi**, 2019. Disponível em: http://az.lib.ru/r/rejsner_1_m/text_0010.shtml. Acesso em: 21 abr. 2024.

SOSNOVSKY, L. In Memory of Larissa Reissner. In: REISSNER, L. **HAMBURG AT THE BARRICADES:** and other writings on Weimar Germany. Tradução: Richard Chappell. Londres: Pluto Press, 1977, p. 204-209.

TCHUKÓVSKAIA, L. **Zapiski ob Anne Akhmatovoi:** 1938-1941. 5. ed. Moskva: SOGLASIE, 1997.

VASILIEVA, L. **Kremlin Wives.** Tradução: Cathy Porter. Nova York: Arcade Publishing, 1994.

Abstract: *This research was conducted through the study group "Russian Women of the 19th Century: Texts and Contexts" at the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), organized by master's student Ana Letícia Prado de Campos and supervised by Professor Dr. Denise Regina Sales. The research is in its early stages and aims to provide an overview of Larissa Reisner's life, as well as a brief biography, with the goal of fostering a better understanding of who Reisner was and what her actions were during the period in which she lived. The research intends to outline a timeline to better understand the context in which Larissa Mikhailovna was situated and how this context affected (and shaped) her life as a writer, journalist, and revolutionary.*

Keywords: Reisner; Russian Revolution; Russia; Soviet Union.